

CARTA ÀS EMÉRITAS CARMEN TINDÓ E TERESA CERDEIRA

Queridas Colegas e Amigas,

A primeira vez que ouvi, na verdade, a primeira vez que assisti à Canção do [Brasil] Subdesenvolvido de Carlos Lyra/Chico de Assis foi no Salão Nobre da antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, era eu ainda aluno do Curso Clássico em nietheroy, 1962, a 4 anos do ingresso no Curso de Letras da nova Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apresenta-se o compositor de Bossa Nova com o CPC da UNE. E eu participava, cheio de esperança e sem medo, na ex-capital de um programa universitário que dirigia o Brasil para o seu tão propagado berço esplêndido no futuro. E tudo me parecia novo de fato. Acabo de saber p ela Folha diária que o Lyra morreu hoje aos 90 anos. Morre numa terra ainda mais uma vez em destino ao porvir. Mas o que interessa mesmo é a volta do refrão de que o que é coexistente o é por ser por princípio coincidente. Ontem, 15 de dezembro de 2023, fui pela primeira vez ao Salão Nobre da Faculdade Nacional de Direito assistir, na verdade, para participar como “padrinho” (aquele que faz a oração de louvor) de Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco, da sessão solene de sua Emerência em Letras, Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Dela e de Teresa Cerdeira, Emérita em Letras, Literatura Portuguesa, conduzida ao ponto mais alto da carreira pela bela oratória de Theresa Abelha. Do discurso de Carmen ficará a lembrança do percurso comovente da formação acadêmica em Literatura Brasileira ao ofício engenhoso, corajoso e dadivoso do ensino e pesquisa para o conhecimento dos países africanos de língua oficial portuguesa. Do discurso de Teresa Cristina Cerdeira da Silva guardo a veemente reflexão, embora em fala bem temperada, comovida, em dado instante íntimo, de que o ensino desde a escola primária à pesquisa universitária é ainda entre nós uma matéria para privilegiados, com a lúcida consideração, porém, de que está de volta à República a vontade de fazer de novo deste país o futuro possível de todas e de todos e de todes nós. Chego, desse modo, em linha cruzada por salões nobres letrados e jurídicos, do luto por Lyra à luta por Lula (sim, é dele que se trata) à coexistente imagem de que o presente, quando coincidente entre o passado e o futuro, é isto, sim: uma venturosa aventura que, se bem o lei o nos profundíssimos discursos de ambas as Eméritas, tem o presente o mérito de ser, por merecimento pessoal e social e, logo, político, o merecido prêmio acadêmico, em meio à igualmente humana desventura pessoal, social e, logo, política, o que, em termos de Hannah Arendt, quer dizer: a sabedoria apreendida de poder discernir na vivência real a diferença entre fato e ficção, isto é, a realidade da existência, magistralmente presente nas suas palavras, Carmen, e a diferença entre o verdadeiro e o falso, isto é, os critérios do pensamento, igualmente magistralmente presentes nas suas palavras, Teresa.

O Magnífico Reitor Roberto de Andrade Medronho e a Ilustríssima Vice-Reitora Cassia CuranTurci, pelo entusiasmo de seus pronunciamentos finais, são provas vivas do que vos digo.

Obrigado pelas magistrais lições de Literatura, Cultura e Cidadania.

Jorge Fernandes da Silveira

Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 2023